

Uma homenagem a Donna Williams

Bartyra Ribeiro de Castro¹

O saber extraído das autobiografias de autistas é objeto de teorização de grupos de pesquisa e de autores internacionalmente renomados, como Rosine e Robert Lefort, Eric Laurent, Jean-Claude Maleval, dentre muitos outros.

Os relatos autobiográficos começam com Temple Grandin e Donna Williams a seguir. Donna Williams, uma jovem australiana, autista de alto rendimento, que pôde, através da escrita, encontrar uma forma muito singular de estar no mundo, de falar sobre o autismo e de ajudar a muitos autistas a compreenderem melhor o que se passa dentro de si. Compreender um pouco o funcionamento autístico, em alguns casos, possibilita um apaziguamento frente às estranhezas vividas e aos rechaços tão presentes nas relações sociais. Compreender, saber-se singular, mas não único, pode ajudar a minimizar o isolamento autístico e, talvez, a diminuir a distância protetora estabelecida entre o sujeito autista e o meio social. Donna Williams ajudou realmente a inúmeros. E segue, mesmo depois de sua partida, contribuindo muitíssimo.

Seu primeiro livro é *Nobody Nowhere – The remarkable autobiography of an autistic girl* (publicado no Brasil com o título *Meu Mundo Misterioso*). Outras autobiografias vieram em seguida e continuam sendo publicadas. Atualmente, são inúmeras. Igualmente, os pais, resolveram se debruçar sobre as letras e contar sobre o cotidiano com um filho autista, o impacto do diagnóstico, os medos, as angústias e os desafios.

A lista de livros, hoje, é imensa. O legado deixado por Donna Williams é incalculável, sobretudo, para os que precisam se afastar das hipóteses sobre o autismo baseadas em evidências comportamentais, neurológicas, genéticas, etc, para mergulharem num universo de não saber e de a descobrir, trazido à luz pelos relatos que se seguiram aos dela.

Tendo podido me dedicar mais recentemente à sequência *Nobody Nowhere – The remarkable autobiography of an autistic girl* e *Somebody Somewhere – Breaking free from the world of autism*, trago aqui uma pequena introdução ao mundo de Donna Williams como uma forma de homenageá-la pela sua passagem em 2017.

Você vai ler Donna Williams. Se é o primeiro contato com ela, saiba: Donna Williams se abre em seus textos, e revela a sua angústia em fazê-lo. Se já leu *Nobody Nowhere*, deve ter se impactado com a forma contundente com que ela nos expõe seu “o mundo” cru e violento, que exigiu dela recursos de defesa autística para sobreviver, fechando-se no que ela criou com “meu mundo”. Ela nos conta detalhadamente no segundo livro - *Somebody Somewhere*, sobre como foi, para ela, ter escrito o primeiro, e você se

¹ Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / Associação Mundial de Psicanálise, Coordenadora do PIPA (e rabiola) Vitória.

surpreenderá com a mudança que aconteceu em Donna Williams e em sua vida após a publicação deste.

Somebody Somewhere foi escrito como um testemunho dos efeitos causados pela publicação de *Nobody Nowhere*. O real da perda do controle sobre seu mundo interior, suas palavras e suas garantias, fizeram com que Donna Williams, ao saber da publicação, tivesse querido poder queimar cada livro, antes que tudo se tornasse irremediavelmente público.

Nobody Nowhere é apresentado como a estória de duas batalhas: a batalha para ficar fora de 'o mundo' e a batalha para juntar-se a este; e é dedicado aos que ajudaram a "dominar as sutilezas da comunicação". Em *Somebody Somewhere*, desde a nota introdutória, ela deixa claro que se trata da "estória de alguém que recolheu os pedaços após a guerra". Um verdadeiro "desarmamento" que, para um autista, representa uma ameaça real de estilhaçamento de suas defesas estrategicamente estruturadas para se proteger da invasão do mundo exterior. Donna Williams relata, em *Somebody Somewhere*, o desespero de ver exposto ao inimigo o seu mundo interior e os efeitos desta "contaminação por sua exposição". Ela considera seu primeiro livro, um epitáfio, e o segundo, uma conquista de um sentido de vida, pois "funcionar não era mais uma boa troca para 'viver'".

Em *Somebody Somewhere*, fica evidente a conquista do sentimento de pertencimento que Donna Williams registra, também como efeito do real da publicação de *Nobody Nowhere*. Isto possibilitou a ela, buscar e ter bastante sucesso em diminuir o hiato entre sentimentos, sentido e pensamento.

Observem: Donna Williams distingue claramente "meu mundo" de "o mundo", buscando, exaustivamente, uma forma de transitar entre estes, e aponta, num determinado momento do texto, "um mundo", como uma forma singular de se colocar em "o mundo", e um vislumbre de "nosso mundo", alcançando o "simplesmente ser". Donna Williams se empenha em adentrar o mundo dos sentidos, percorrendo um caminho desde o chamado "meu mundo", para penetrar, embora temerosamente de início e decididamente ao final, "o mundo", e tentando suportar o custo subjetivo que implica, para ela, envolver sentidos, sentimentos e afetos. A linguagem com sentidos é algo que frustra a catalogação e a sistematização, embora permanentemente buscadas por ela, num recuo ao isolamento autístico.

Donna Williams é especialista no idioma Inglês, estrutura e fonética, embora declare que, apesar disto, tenha "dificuldades com o uso da linguagem". Tem um texto muitíssimo bem escrito dentro das regras gramaticais. Isto lhe permite fazer uso de diversos recursos semânticos – onomatopéias, comparações, como se a linguagem houvesse sido, por ela, incorporada. Olhando atentamente, o que poderia parecer metáfora, é comparação - uma figura de linguagem semelhante à metáfora, mas sem produzir o vazio de sentido substitutivo, característico desta. A comparação é possível pela descrição do pensar em imagens, que Donna Williams faz com perfeição (assim

como o faz Temple Grandin e alguns outros autistas, por causa da relação estrutural com os signos). A impossibilidade de metaforizar nos é exemplificada na frase: “Se eu aprendesse algo enquanto eu estivesse de pé com uma mulher em uma cozinha e fosse verão, durante o dia, a lição não seria lembrada em uma situação semelhante se eu estivesse de pé com um homem em outra sala e fosse inverno e à noite”. A metáfora é uma figura de linguagem que exige um hiato de significação que só é permitido à articulação significante, pelo vazio de sentido que se instala entre um significante e outro, provocando, nesta figura, um efeito substitutivo. Isto me permite dizer: “Você vai ler Donna Williams”.

As onomatopeias (*Tinkle, Toc, toc, Zzzz, Slap, Crunch, etc*) muito presentes no texto, é um exemplo muito claro de seu gozo verbal com os signos sonoros. Seriam “ecos do fato de que há um dizer”, sobre o que nos fala Lacan, quando conceitua pulsão, em seu Seminário sobre Joyce? Ela maneja escrita e espaços. Ela faz parágrafos, recua, sinaliza, acentua. É um texto pleno de símbolos e de ícones. *Nobody Nowhere* já trazia alguns, mas, em *Somebody Somewhere*, a profusão de signos é enorme.

O espelho segue sendo um fator importante como elemento de suporte à angústia frente a “o mundo” – “provavelmente, passei muitos anos na frente do espelho”. Ele atravessa a obra passando de “uma porta para o lugar do outro lado” onde encontra Carol, num mundo previsível e familiar, uma companhia e um refúgio; até chegar a ser um elemento do qual Donna Williams consegue alguma distância para entrar em “o mundo”. É fundamental observar o destino dado a seus duplos, Carol e Willie – em *Nobody Nowhere* figuram como formas de proteção e de adaptação social a “o mundo”; o recurso aos objetos Urso Orsi e Cão Viajante; e o que representa para ela o Grande Negro Nada – angústia gerada frente ao impossível encontro entre palavra e sentido.

As participações do Dr. Marek (e esposa) e dos Miller em auxiliá-la frente ao desafio de abrir-se para os sentidos e os sentimentos consequentes são cruciais para que Donna Williams chegue a exclamar: “Oh, meu Deus, eu ganhei um corpo!”. Outro ponto destacável é o que ela nos conta a respeito de sua relação com o corpo, com o semelhante, e as suas afirmações sobre a (as)sexualidade e o incurável no autismo – “o sistema”, que poderíamos traduzir como a necessidade permanente de inventar formas de se proteger contra a angústia, com o primado do signo. “A impenetrabilidade é a máxima segurança” – desta, não se pode abrir mão totalmente. “É tudo muito difícil lá fora”.

Somebody Somewhere é um testemunho fiel de como Donna Williams conseguiu “as chaves da porta de ‘o mundo’”.

Em 2017, aos 53 anos, Donna Williams ainda jovem, faleceu de câncer. Agradecemos a ela, por tudo o que pôde, com sua coragem ímpar em revelar seu

mundo, nos ensinar sobre o autismo. Tudo o que hoje se pode saber e seguir pesquisando sobre o autismo se deve às revelações impressionantes que nos surgem em cada obra escrita por autores geniais como ela. A estes, nosso eterno reconhecimento.

Não é mais possível seguir uma linha de investigação sobre o tema do autismo sem o aprofundamento na leitura dos relatos autobiográficos, ou mesmo, relatos de pais e cuidadores de crianças autistas, sempre lembrando que a clínica se faz no caso a caso.

Janeiro de 2018